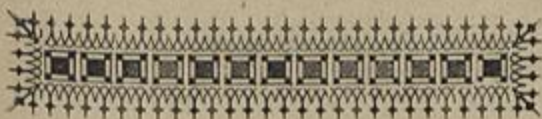
Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 819

30 DE SETEMBRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

O CORONEL ROOSEVELT — Novo Presidente dos Estados Unidos

CHRONICA OCCIDENTAL

Dois terrores panicos houve em Lisboa n'estes ultimos dias: a certeza de que andava em circulação grande numero de notas falsas, e a confirmação do perigo em que andam os que passam na Praça de Camões de ser esmagados pelo machimbombo.

Com respeito ás notas, foram dadas as devidas providencias e, como o Banco de Portugal diz pagar as que lhe forem apresentadas, o susto serenou. Quanto ao perigo que ha muito ameaça surdos, cegos, velhinhas, distrahidos e crianças, é natural que em coisa alguma se modifique. Já puzeram por alcunha ao elevador da Estrella o *Mata-gente.* Boa vontade não lhe falta.

A ultima victima foi um pobre pequenino de onze annos, vendedor de jornaes, que, no momento em que o carro dava volta com toda a velocidade, corria, brincando, em perseguição d'outro, e assim atravessava a rua n'aquelle momento.

Não houve, portanto, culpa dos empregados. Mas, quando se viu, n'uma grande cidade, ser preciso andar sempre attentamente até pelos passeios onde deveria haver toda a segurança, ou são certos o atropellamento, a queda, a canelada pelo menos? Em qualquer aldeia, esquecida das camaras municipaes, é mais seguro o caminho em noites escuras do que em Lisboa ao meio-dia.

Falou-se e muito se escreveu contra a tracção electrica; mas de certo outros muito maiores perigos já por ahi nos ameaçavam do que a possibilidade de morrer como vai morrer o Czolgosz, assassino de Mac-Kinley.

Horrorosa morte é essa, entretanto imaginada pelos bem intencionados que calcularam que a da guilhotina ainda devia fazer soffrer o desgraçado durante trez quartos de segundo pelo menos. O facto é que experimentado o novo systema já n'uns poucos de infelizes, estes estorceram-se medonhamente na cadeira do patibulo e foi preciso, por mais d'uma vez, recomeçar a experiencia.

Com o mandado de soltura a favor da grande agitadora, Miss Goldmann, e o horroroso espectaculo da morte do assassino põe-se ponto definitivo no drama que tanto commoveu o mundo inteiro.

Entretanto os chefes de estado redobram suas precauções, os governos augmentam os quadros de policia e uma sombra negra paira sobre os festejos mais enthusiasticos.

O Imperador da Russia não foi a Paris, onde, durante o dia 20, o esperou anciosa a população, que um jornal francez comparou com graça a um namorado, impaciente, á esquina da rua, á espreita d'uma mulher que afinal não passa.

Teve o Czar de contentar-se com as festas magnificas que lhe offereceram fóra da capital, valendo-lhe a revista do grande exercito francez, espectaculo deveras maravilhoso, os maiores e mais rasgados elogios, que o sr. Loubet pagou com amabilissimas frazes nos brindes trocados.

Tambem cá pela nossa terra foram as manobras militares o grande attractivo da semana.

Tomaram n'ellas parte os regimentos da guarnição de Lisboa, cujos acampamentos foram muito visitados por todos os moradores de Cascaes, Cintra e mais logares proximos do campo de manobras.

Os comboios partiram de Lisboa cheios de curiosos, que muito contrariados ficaram no ultimo dia, quando, depois d'uma madrugada e marcha forçada por maus caminhos até ao logar de Trajouce, souberam da contra-ordem dada por El-rei relativa á revista final e ao almoço no campo. Mas os soldados estavam cançadissimos, o tempo corrêra pessimo e na lama accumulada era difficil armar-se a grande tenda onde o almoço deveria realisar-se.

Cascaes é que maior animação teve n'estes ultimos dias, vindo o ministro da guerra, seus ajudantes e addidos estrangeiros almoçar no Hotel do Mont'Estoril.

O sr. D. Carlos e a Rainha, sr.ª D. Amelia, sahiram ha dias da Pena para a cidadella de Cascaes, onde tencionam passar o mez de outubro e foram recebidos com grandes manifestações de jubilo.

Desde Alcabideche acompanharam a carruagem real perto de cem carruagens e muitos cyclistas, cavalleiros e amazonas. De todas as janellas, no Monte Estoril, foram lançadas muitas flores. Em frente da cidadella soltaram duzentos pombos á chegada da Rainha. O Presidente da Camara leu-lhe uma poesia de Fernandes Costa.

No dia dos annos de Suas Magestades, toda a villa e embarcações ancoradas na bahia illuminaram, produzindo um effeito brilhante. A noite era de luar purissimo, que mais ajudava á belleza do espectaculo.

No dia seguinte, domingo, realisou se, com grande animação, a regata organisada pelo Real Club Naval.

Como se vê pelas noticias que todos os dias chegam da elegante villa balnear, pouca falta lhe tem feito o jogo, sendo por certo muito mais agradavel do que perder um cerco á dama ou uma parada maior no 14, ouvir no Club um bom pedaço de musica de camara pelo sextetto hespanhol.

Em Lisboa o inverno vai-se annunciando pela temperatura mais fresca, pelas mulheres das cas-

tanhas e pelas caras de actores que se vão chegando aos seus theatros.

Abriram os Colyseus. Dois. E' um pelo menos a mais. Mas deixal-o. Muita gente gosta do espectaculo que lhe sae barato e a distrahe sem dispendio de faculdades intellectuaes.

Dos numeros apresentados no Colyseu de Santo Antão, o mais falado é o das cabras sabias e d'ellas a cabra palhaça, enlevo das crianças. Já no domingo houve o primeiro espectaculo de dia e era uma alegria a alegria d'ellas.

Os Colyseus só dois theatros encontraram abertos; mas todos os outros, com excepção de S. Carlos, já vão procedendo aos arranjos necessarios para inaugur ação da nova epocha.

No theatro da Trindade estreou-se no *Surcouf* o novo cantor Salvaterra, o que não é noticia de pouca importancia n'uma terra onde cantores são ave rarissima.

Na Avenida a Rosa Paes appareceu-nos nas *Doze mulheres*, primorosamente vestida. Ora é certo que a elegancia na actriz portugueza é tambem rarissima ave.

O Visconde de S. Luiz de Braga já voltou do seu costumado passeio ao estrangeiro, trazendo o sorriso satisfeito de quem fez muito feliz viagem.

E' inquestionavelmente um dos emprezarios mais intelligentes que tem havido em Portugal, sabendo como nenhum equilibrar a arte com o cofre da empreza.

A companhia portugueza, que no theatro D. Amelia funccionará este inverno, foi completada com a entrada das duas irmãs Laura e Delfina Cruz, actrizes novas de promettedor talento.

Já os jornaes publicaram o repertorio da companhia para o futuro anno, devendo, com cinco ou seis originaes portuguezes, serem representadas as afamadas peças: *La Veine, Le Coup de Fouet, Les Demi-Vierges* e *La Course au Flambeau.*

Para novembro ouviremos o Zacconi, que actualmente gosa para muitos da fama de primeiro actor italiano e nos dizem ser maravilhoso na interpretação das peças d'Ibsen. A seguir teremos as representações da famosa actriz, italiana tambem, Clara Della Guardia, actualmente na America do Sul, cujos jornaes falam com enthusiasmo do genio da formosa actriz no mais variado repertorio: *Sans-Gêne, Zaza, A Honra, Duc Conscienze*, etc. Vem com ella o Orlandini, que vimos, já talento muito promettedor, representar ao lado de Novelli.

Mais tarde, para a primavera, teremos a famosa Bartet, um dos mais gloriosos nomes do theatro francez.

Mas ainda não era bastante. O Visconde de S. Luiz conseguiu que Jules Claretie, ha muito convidado pelos jornalistas portuguezes para um almoço que prometteu acceitar, fizesse no theatro D. Amelia uma conferencia sobre theatro, que tão maravilhosamente conhece.

Jules Claretie será decerto recebido em Lisboa como o merece um dos primeiros escriptores francezes da actualidade e que sempre tão amavel se mostrou comnosco.

E por estes dias não se torna a falar em theatros, que estão as eleições á porta.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CORONEL ROOSEVELT

Novo presidente dos Estados Unidos

Não obstante as affirmativas de possivel salvação da vida do presidente Mac-Kinley, feitas tão categoricamente pelos medicos americanos, falleceu em 14 do corrente, ás 2 horas da madrugada, o infeliz presidente da grande republica norte-americana. Suscitou-se então a hypothese de estarem envenenadas as balas que o attingiram, mas a recente analyse que se fez, no revolver e nas cargas aprehendidas ao assassino, demonstrou o erro d'esta supposição. Ignora-se, pois, a causa immediata da morte, tanto mais para sentir quanto é certo que se acreditou na franca possibilidade de uma cura breve.

A morte de Mac-Kinley foi uma grandissima perda para os Estados Unidos e será por muito tempo tão lastimada na Europa como na America, pelas circumstancias dolorosas e de justificada indignação e reprovação que se lhe seguiram.

A legação dos Estados Unidos em Lisboa informou logo o governo portuguez da morte do presidente. El-rei telegraphou immediatamente á viuva de Mac-Kinley e aos corpos legislativos da confederação norte-americana, dando-lhes os pezames. O nosso ministro em Washington recebeu poderes especiaes para representar Portugal em todas as ceremonias funebres.

O vice-presidente, coronel Theodoro Roosevelt, acaba, pois, de assumir definitivamente a presidencia e com ella todas as responsabilidades de tão altas funcções. E' homem de cerca de 43 annos de edade. De origem hollandeza a sua educação fel-a em Harvard. Em 1882 tomou parte na legislatura de Nova-York e em 1884 era *leader* da camara. Foi presidente do conselho da policia de Nova-York de 1895 a 1897 e depois vice-secretario no ministerio da marinha.

Mr. Roosevelt tem o posto de coronel e gosa de grande popularidade na America, por ser elle quem durante a guerra com a Hespanha organisou nos Estados Unidos o primeiro regimento de cavallaria para servir em Cuba. Foi elle quem commandou esse regimento durante a campanha e ao regressar a Nova-York, em 1898, deram-lhe o governo d'essa cidade.

Na sua proclamação Mr. Roosevelt disse: «que o crime commettido contra o primeiro magistrado da Republica fôra tambem dirigido contra os cidadãos dedicados ás leis e amigos das liberdades. O presidente Mac-Kinley coroou por uma morte christã uma vida de amor pelos seus similhantes e de solicitude pelo bem-estar d'elles; a sua vida e a sua coragem na morte ficarão sendo uma preciosa herança do povo. Todos os cidadãos se devem inclinar submissos á vontade do Omnipotente e prestar do fundo do coração a devida homenagem d'amor e respeito pelo grande e bom presidente.»

Toda a imprensa americana acolheu com sympathia o novo presidente, cuja energia se deprehende bem de dois factos, entre outros, relatados pelos seus biographos: em Nova-York, Roosevelt como chefe superior da policia, andava de noite de revolver em punho, pelos bairros mais sujos da grande cidade, para fazer fechar as tabernas. Em Santiago de Cuba foi verdadeiramente heroico, avançando á frente dos «roughriders», e fazendo calar a artilharia hespanhola.

Conhecido na America do Norte como fiel sectario das doutrinas do seu antecessor, é de esperar que Theodoro Roosevelt seja um seguidor ferveroso da politica de Mac-Kinley, no que a votação futura, se o elevar á cadeira da presidencia, poderá animal-o muito.

AS ESQUADRAS PORTUGUEZA E INGLEZA NA BAHIA DE LAGOS

Nos ultimos dias do mez passado e primeiros do corrente, reuniram-se na bahia de Lagos cincoenta e dois navios de guerra entre portuguezes e inglezes, constituindo este uma das mais imponentes manifestações navaes de que ha memoria. A permanencia de tantos navios n'aquella bahia teve por motivo as ultimas manobras navaes da nossa marinha de guerra, e a homenagem prestada pela Inglaterra ao rei de Portugal, que ella soube encontrar-se n'aquelle extremo do continente, ordenando que alli fossem as suas grandes esquadras do Mediterraneo e do Canal. A composição d'estas esquadras era de 15 couraçados, 8 fragatas, 10 cruzadores, 10 torpedeiros, 6 canhoneiras e tres vapores de transporte de carvão, com 23:308 homens, 488:567 toneladas e 568 canhões. Tinha por commandante em chefe o vice almirante John Fissher, por 2.º commandante lord Charles Beresford. A fragata de guerra Royal Soveraign era o navio chefe.

As projecções dos holophotes de um tão grande numero de navios produzia um effeito phantastico na bahia, cruzando-se constantemente. No dia 30 de agosto realisou-se a bordo do navio almirante inglez um jantar que esteve brilhantissimo, trocando-se varios brindes, entre os quaes se distinguiram o de el-rei a sua magestade Eduardo VII e o do almirante inglez a el-rei D. Carlos. Findo o banquete, houve recepção, a que concorreram os officiaes das duas esquadras. No dia seguinte effectuou-se um lunch, offerecido por lord Charles Beresford, a bordo do segundo navio chefe, o couraçado *Rawiellies*, reinando a mesma cordealidade. A' noite offereceu sua magestade el-rei um jantar a bordo do seu yacht, ao qual assistiram os quatro almirantes inglezes, seguindo-se nova recepção. Em 1 de setembro houve missa campal, com a assistencia de sua magestade, de contingentes dos navios portuguezes, seiscentos homens dos inglezes, todos catholicos, além do regimento de infanteria e cavallaria aquartelados em Lagos.

Foi uma das mais bellas festas que então se effectuaram. A magestosa bahia coalhada de poderosos navios, o sol rutilando no céu azul, os uniformes azues e o porte marcial dos nossos marinheiros, os alvissimos uniformes de linho dos marinheiros inglezes, os accordes festivos das bandas militares, e piedade e commoção do povo, e no centro d'este bello quadro, El-Rei debaixo do pallio, levado pelos vereadores da camara municipal e ajoelhando reverente deante do sacerdote que celebrava o sacrificio da missa. Tudo isto produziu uma funda impressão, evocando um passado cheio de glorias.

Depois da missa o monarcha passou revista a todas as forças. Pelas quatro horas da tarde do mesmo dia o *yacht* real levantou ferro, salvando todos os navios nacionaes e estrangeiros.

Como bem se deve comprehender, a permanencia das tres esquadras na bahia de Lagos, attrahiu das povoações proximas muita gente á cidede, onde havia uma extraordinaria animação. Os generos attingiram preços elavadissimos.

Ao mar, para vêr os navios, foram innumaras pessoas. As duas esquadras inglezas conservaram-se na bahia durante quatorze dias. Os marinheiros e officiaes andaram pelos campos e estradas, a pé, em bicycletas e em carros, recebendo da população o mais franco acolhimento.

Na nossa estampa, reproducção de um desenho de um official inglez, vê o leitor bem o aspecto da bahia e das esquadras fundeadas. A' esquerda acha-se o yacht real, que se distingue perfeitamente pelas bandeiras portuguezas do tope e na ré.

As esquadras fizeram os seus exercicios no alto mar e alguns entre a bahia (Ponta da Piedade) e cabo de S. Vicente. Dentro da bahia estavam os navios ancorados ao abrigo da Ponta da Piedade, ficando até a armação de pesca da sardinha *Vinha Nova* entre duas filas de navios.

Foram muito interessantes as manobras alli realisadas pela divisão naval portugueza, tendo-se feito varias applicações da telegraphia sem fios e que deram curiosos resultados.

PORTO DE LOURENÇO MARQUES

As vistas que hoje damos relativamente ao porto de Lourenço Marques mostram algumas das installações que se chegaram a fazer para a construcção das suas malfadadas obras, as quaes com um pouco de bôa vontade e attenção da parte dos governos, poderiam, com bem pouco sacrificio para o paiz, estar em via de completa realisação, em vez de, pelo contrario, se acharem completamente, ou quasi completamente, paralisadas, d'onde vem grave prejuizo ao desenvolvimento d'aquelle nosso magnifico e tão cubiçado porto, e até á conservação do importante material que se adquiriu e das construcções a que se procedeu para ellas se executarem.

O porto de Lourenço Marques, tão vasto, tão abrigado, de tão bom fundeadouro, e tão superior em tudo aos da Africa do Sul, excepto nas commodidades que estes offerecem ao movimento commercial, era bem digno de melhor sorte, e de que se procurasse, por todos os meios, attrahir-lhe a concorrencia que os outros, menos bem dotados pela natureza, mas preparados melhor pela mão do homem, lhe disputam continuamente. E isto tanto mais, quanto a despeza d'ahi resultante seria bem compensada pelo maior rendimento que adviria ao Estado no augmento e prosperidade do mesmo porto e consequentemente da cidade e districto de Lourenço Marques, fóra o rendimento dos terrenos que ao mar se conquistassem, rendimento muito e muito importante.

Nos estudos, installações, acquisição de material e inicio dos trabalhos de construcção, gastaram-se mais de quatrocentos contos.

Além dos estudos, que esses ficam e não se perdem, que vantagem se tirou d'aquella despeza? Nenhuma, póde-se dizer, desde que os trabalhos estão mais ou menos parados, dando logar como dissemos, a que se estrague o pouco que foi possivel fazer e adquirir com os fracos recursos de que se dispunha.

Representa uma das vistas, o estaleiro destinado ao fabrico, secca e deposito dos blocos de beton, com que deveria ser constituido o muro do caes projectado entre a Ponta Vermelha e a ponte da Alfandega, limites das 1.as secções em que as obras se tinham dividido. Está o referido estaleiro situado n'uma porção do terreno já conquistado,

na praia da Ponta Vermelha, a leste da cidade, e junto dos barracões expressamente edificados para secretaria, depositos de materiaes e officinas das obras.

D'aquelles blocos, feitos com magnifico cimento de Portland, de Boulogne-sur-mer, e que tinham adquirido a rigeza e solidez de verdadeiras pedras, empregaram-se alguns n'uma pequena extensão de uns quatro a cinco metros do muro do caes, que se chegou a construir em parte da altura que devia vir a ter, e ficaram em deposito mais de trezentos. Estes blocos eram manobrados por meio d'um guindaste a vapor, circulando n'uma via ferrea que segue ao longo do estaleiro em direcção á porção de caes já referida, onde se chegou a assentar uma placa rotatoria, para d'ella partirem de um e outro lado, e perpendicularmente á primeira, outras vias para se collocarem por meio d'elles successivamente os blocos do mesmo caes.

A outra vista representa um conjuncto de edificações ligeiras, situadas perto do estaleiro de blocos, e destinadas a servirem de alojamento aos empregados inferiores das obras e aos operarios d'estas. São cinco grandes barracões, sendo um destinado a refeitorios, um a habitações de empregados e tres a habitações de operarios. Além d'isto, ha ainda uma pequena barraca para cosinha.

Os empregados e os operarios que habitavam estas casas, constituiam uma cooperativa, fundada por iniciativa do engenheiro hydrographo Augusto Eduardo Neuparth, que esteve em serviço nas obras do porto de Lourenço Marques, e ali encontravam com economia melhor habitação e melhor alimento do que poderiam obter na cidade, pela mesma diminuta quantia.

JUDITH, A IRMÃ

(Ao Ex.mo Sr. Arcebispo d'Evora—ao Poeta)

I

Na auréola de candura indefinida
Que lhe circumda a fronte immaculada,
Transparece a Belleza incomprehendida
Que traz minh'alma em extasi enlevada!

Casta flôr de pureza a mais subida,
Como a violeta, humilde e recatada,
Esplende como a estrella mais fulgida
E é doce como a luz da madrugada.

Meiga como um sorriso de creança,
Baixou ao negro abysmo da Miseria,
Surgindo como aurora de Esperança

No seio d'alma ao luto e á dor affeita!
Bemdita sejas tu visão etherea!
Das mãos de Deus a obra mais perfeita!...

II

Bemdita sejas tu, mulher sublime!
Predestinada! eleita do Senhor!
O' pura e santa encarnação do Amor
Que transporta, que enleva e que redime!

N'este mundo venal aonde o crime
Sacrifica nas aras do Impudor,
Eu te admiro, Santelmo salvador,
A ti, que és fraca e debil como um vime,

E tens a occulta força mysteriosa
Que attrae e impelle ao seio do Infinito
Por amplissima estrada luminosa;

A força enorme, immensa, irresistivel
Que faz da terra — um carcere maldito —
Estancia de ventura imperecivel!

III

Imperecivel como a luz que banha
A fronte dos profetas dos videntes,
Dos que empunham a espada dos valentes
E combatem — titans — em luta extranha;

Dos que affrontam do inferno a horrivel sanha,
E, vestindo armaduras reluzentes,
Vão sempre ávante, austeros, pios, crentes,
Porque os sustenta, anima e os acompanha,

Como a ti, n'essa luta gloriosa,
Quem Deus mandou da estancia luminosa
Para que em anjo o homem se transmude,

E, d'alma aberta á luz da inspiração,
Attinja o seu ideal — a Perfeição —
Cantando o Amor nos braços da Virtude!

IV

Virtude! ó casta pomba immaculada!
Celeste lyrio de immortal candura!
Inexhaurivel fonte de ventura!
Consolo da minh'alma attribulada!

Virtude! ó santa virgem consagrada!
Teu doce olhar, tão cheio de ternura,
Converte do peccado a noite escura
Nos mais formosos prismas da alvorada!

Como a estrella polar ao navegante
Guia, atravez dos mares tormentosos,
Assim me guies tu, ó luz brilhante,

Atravez dos caminhos tortuosos
D'esta vida, onde vou incerto, errante,
Demandando ao meu Deus eternos gosos!

V

Acolhe-me nas dobras do teu manto
E envolve me na luz do teu olhar,
Porque possa do mundo triumphar
E, livre de paixões, soltar meu canto.

Desprende-me da terra, e tanto, tanto
Que d'ella eu nada tenha a recear,
E só sinta no seio crepitar
Do eterno Amor o fôgo sacrosanto.

Como a gotta d'orvalho recolhida
No calix d'uma flor avelludada
Se evola ao ceu em nevoa convertida,

Se a beija lá do sol a luz doirada,
Assim minha alma suba, desprendida
D'humanas affeições — immaculada!

VI

Assim minh'alma suba, docemente,
Atravez d'esses mundos, dos espaços
Luminosos, aonde de teus passos
Entrevejo os vestigios claramente!

Sê boa e generosa... sê clemente...
Ampara-me, sustenta-me em teus braços,
Reanima, dá vigor aos membros lassos
De quem por ti suspira anciosamente.

Desde os primeiros dias de creança
Tens sido a minha musa inspiradora
A flor do Bem, da Paz e da Bonança!

E se em minh'alma esplende a doce aurora,
Que me conduz á Arca da Alliança
A ti devo essa luz consoladora!...

VII

Como eu te quero! te estremeço e adoro!
São teus meu coração e pensamento!
Tua, a mais bella flor do sentimento,
E tambem estas lagrimas que choro!

Comtigo, é fugitivo meteoro
A dôr. E a morte... a morte é livramento;
E' premio e não castigo... é salvamento
Que aos ceus, que a Deus constantemente imploro.

Só n'ella tem consagração da Historia
O heroe que andou luctando ao sol da Gloria
Robusto e forte assim como um Titan,

E não teve na hora derradeira
Um balsamo bemdito — a luz fagueira
D'um terno olhar de esposa ou casta irmã.

VIII

Só ella, abrindo os fulgidos umbraes
Que dão ingresso á Patria Promettida,
Outhorga ao justo a gloria indefinida,
A eterna aspiração dos immortaes!

Para os bons, para as almas virginaes
Ella é o termo d'afanosa lida:
Ella é começo da esplendente Vida
No Senhor — o Ideal dos ideaes!

Galardão, verdadeira Providencia
Do que não tem manchada a consciencia
E aspira á flor do Bem, á Liberdade,

Á doce paz tranquilla, imperturbavel
Á suprema ventura inquebrantavel
No seio d'Abrahão, na Eternidade!

IX

Mas antes que ella venha — mensageira
D'esse puro e castissimo Ideal —
Annunciar-me a hora derradeira
N'um osculo amoroso e fraternal;

Mas antes de subir á verdadeira
Patria do Summo Bem, á perenal
Mansão do Amor — alegre e prasenteira
Vem junto a mim, ó Musa divinal,

Vem inspirar-me um canto harmonioso,
Modesto mas vibrante e luminoso!
Humilde mas heroico e salutar!

Que em honra de Judith — archanjo alado —
Meu estro se alevante arrebatado
Na branda luz do teu divino olhar.

Frei Gil.
(Conego Narciso Vicente Lopes)

Depositarios do poder e assassinos

«Isolé, (o homem) ce n'est plus qu'une bête de proie abandonée à ses instincts.»
A l'Aurore du Siècle — Luiz Buchner, traducção franceza do dr. L. Laloy.

Carnot, Izsabel, Canovas, Humberto, Mac-Kinley cahiram no curso de poucos annos victimados por mão criminosa, não obstante quaesquer medidas de policia preventiva adoptadas para vigilancia de suas pessoas.

Sobre os agentes de taes attentados pronunciou-se unanime a voz de todas as consciencias dignas, condemnando o delicto e seu auctor: sobre o corpo inanimado dos immolados á sanha feroz de individuos sem fé nem lei, correram lagrimas de saudade e incidiu a benção de povos cultos!

A que devemos porém attribuir semelhantes actos, que roubando existencias á sociedade mancham indelevelmente o evênto maravilhoso da civilisação hodiérna?

Responde a esta minha pergunta a seguinte passagem de *Estudos philosophicos e literarios sobre os Miseraveis*, de Victor Hugo, por Paulo Voituron, de Gand: «A revolução do fim do seculo findo (18.º) tinha sido uma especie de explosão; os acontecimentos haviam-se precipitado com demasiada rapidez para que fosse possivel seguir attentamente o caminhar dos espiritos. Tinha sido uma tempestade, e não é no meio das desordens extremas da natureza, que se estudam as leis que a regem.»

Ora bem; os dias de 1789 já passaram á Historia, mas o equilibrio salutar de processos politicos e de normas praticas de justiça, ainda não se produziu no meio social e estará porventura muito longe de realidade effectiva.

Isto explica a fermentação de animos irrequietos, o grau de delirio de paixões desenfreadas e a embriaguez fanatica de homens *bête de proie* que commettem assassinios com cynismo e resolução só eguaes ao proprio sangue frio que revelam.

Existem motivos de aggravo, accumulam-se quotidianamente injustiças flagrantes, apparecem á suppuração abusos inqualificaveis e irritantes, abundam emfim razões de descrença politica e crescem desejos anhelantes de nivelamentos e de distribuição equitativa de riquezas.

Não são de agora luctas sociaes: foram de todas as epocas, tiveram por theatro todas as regiões e se a palavra proletario nossa contemporanea quer dizer agrura e soffrimento, já os seculos passados legaram ao nosso, pária, ilóta, escravo, palavras não menos significativas no sudario de tristezas da humanidade e não menos sonoras como despertador de almas piedosas para o exercicio nobre da caridade dentro da esphera do Direito.

Patricios e plebeus porfiando combates e disputando privilegios, não constituiram facto novo e espectaculo singular na cidade rainha que alguns foragidos haviam edificado para asylo e segurança: já então havia registo de tradições famosas ácerca de hostilidades declaradas entre espoliados e espoliadores, a que não escapavam gentes da India, da Assyria e do Egypto.

E' verdade que umas vezes arvorava-se dominadora a ignorancia crapulosa e a mentira mani-

festa, e outras vezes a hypocrisia refalsada e o rensualismo grosseiro e venal, mas tudo isso era fonte de odios, inicio de vinganças, precursor de auroras de triumpho na emancipação final.

E sem embargo de tanto caminhar, atravessando idades, ainda vive eunúcho e ostenta-se harem, existe acorrentada Polonia e Irlanda, esmaga-se boer no Transvaal, ameaça-se de aniquilamento republica do rio Orange, fuzila-se adversarios suppostos invocando pretextos futilissimos e concedem-se premios e tributam-se louvores a adeptos parciaes promptos sempre a servir de instrumento pusilamine perante a força e á sombra da intriga.

A observação de tantissimas anomalias injustificaveis, reflectindo em cerebros ardentes e revolvendo espiritos sedentos de verdade e de justiça, atêa incendios e penetra consciencias, transforma seres humanos de caracter problematico em apostolos tenacissimos de ideal redemptor, consagra principios de altruismo austero e levanta até ao alto grau de heroicidade os chefes de movimento.

E eis tambem o maior perigo; porque da interpretação precisa e opportuna do que é, depende fatalmente a orientação seguida e o plano abraçado, e nascem frequentemente os fios conductores de veredas tortuosas que terminam paredes a dentro de recintos de machinação secreta.

Todavia, mésmo ahi, divisa-se um fundo logico de sentimento nobre que póde por erro e por vicio de educação armar o braço de um sicário, e que não é menos sob o ponto de vista de moral absoluta um signal evidente de reacção simpática e louvavel contra lesões graves praticadas voluntariamente, que affigem as sociedades e vexam as multidões.

As linguas de fogo que denunciaram ao mundo na segunda metade do seculo 19, toda a maldade que se continha em peito dos da Communa, de Paris, aqueceram tambem muito entendimento fraco de boa fé, que imaginou libertar-se de suas cadeias de servidão monstruosa mediante o crepitar da chamma incendiaria e a destituição violenta das auctoridades constituidas.

Scenas selvagens de cannibalismo, orgia plena da canalha, lava putrefacta de vulcão insondavel, tudo isto passa legando herança de ruinas, mas volatilisando agravos que eram intimos e profundos, mas escrevendo sentenças que o tempo não apaga, mas apeando e advertindo astuciosos que eram sobranceiros e tyrannos!

Ha abysmos que separam operarios e capitalistas, mas ainda ha maiores abysmos que tornam letra morta para estes as expressões civicas de dignidade humana e para os dirigentes dos povos as disposições categoricas dos codigos em vigor.

A escória social nutre criminosos, mas afugenta-se com exemplos de insenção incorruptivel, policia-se com leis penaes de applicação immediata e infalivel a todos os deliquentes, capta-se e encaminha-se com lições de rectidão e com rigor escrupuloso de equidade.

Carnot, Izabel, Canovas, Umberto, William Mac-Kinley, contribuiram em alguma parte para os excessos abusivos do poder, para o avolumar de interesses gananciosos em membros de governo e em monopolisadores insaciaveis, para negociações fraudulentas que concluem por açambarcamento geral em proveito de poucos e em prejuizo de muitos, para abrir excepções odiosas de politica mesquinha e lançar á margem collectividades inteiras?

O americano Czolgosz, de origem polaca, poderia exigir responsabilidades e tomar contas individualmente ao presidente assassinado?

E, quando lhe assistisse o direito de proceder assim e ainda mesmo que Mac-Kinley houvesse exorbitado ao ponto de merecer a morte, quem poderia jámais investil-o nas attribuições de carrasco sem formalidades legaes de julgamento prévio e de nomeação respectiva?

Se um chefe de Estado, um depositario supremo de poder fosse o fecho da abobada realmente em cada paiz, n'esse caso haveria uma tal ou qual attenuante de desvairamento e de loucura de delicto, mas nas circumstancias actuaes e nos termos que regulam a marcha politica das nações cultas, não ha explicação fundamental para o phenomeno social de exterminio, que não emenda nem cura, e que não adianta para o bem nem livra de mal.

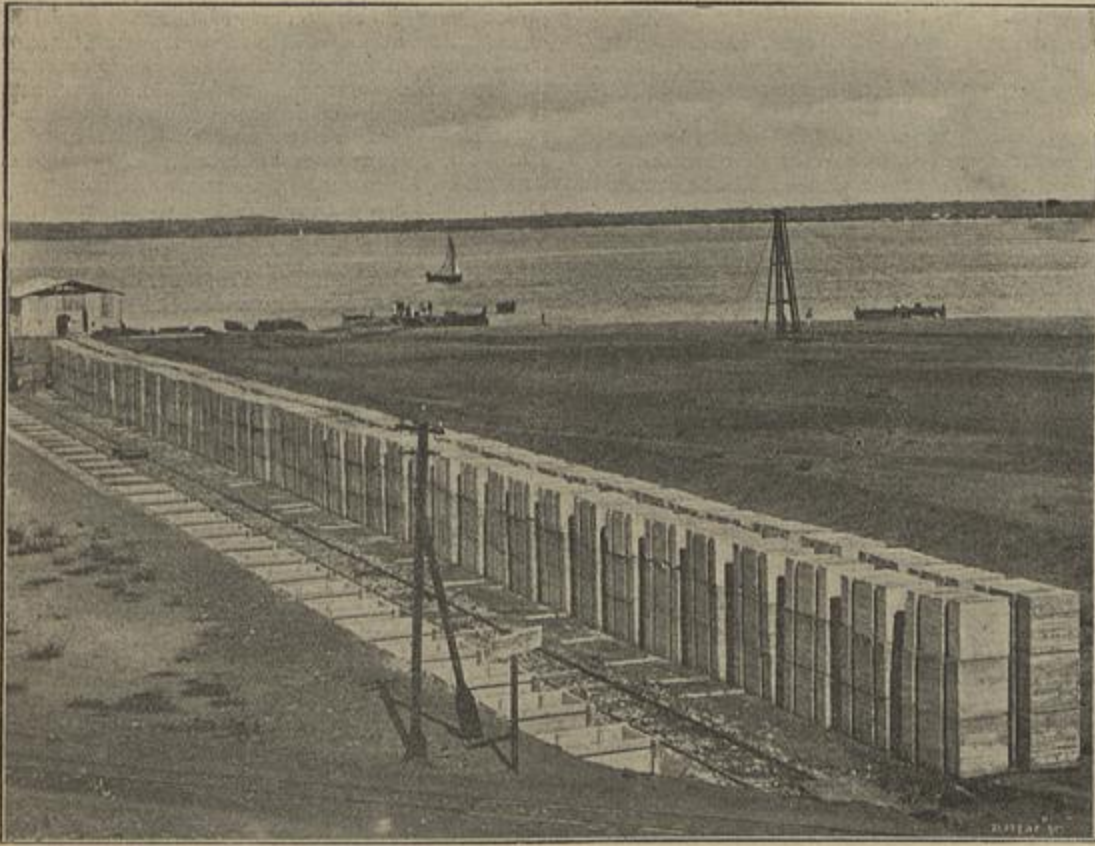
Eu bem sei que se conhecem theorias avançadas, que ha homens exaltados, que se notam defeitos organicos e que transparecem imbecilidades de mando, mas onde existe perfeição sobre a terra; a propria liberdade não descamba em despotismo; o idolo de um dia não se torna objecto de imprecções e de doestos no outro dia?

Que mal fizera Aristides áquelle grego extravagante que o condemnou ao ostracismo sem saber explicar a razão de seu voto?!

O russo Bakounina, fundador da *Alliança da democracia socialista*, de que vou traduzir um extracto que Emilio de Laveleye transcreveu n'*O Socialismo Contemporaneo*, proclamava em seu programma que: «A Alliança declara-se atheista. Ella quer a abolição definitiva e completa das classes, e a egualdade politica, economica e social dos dois sexos. Quer que a terra e os instrumentos de trabalho como qualquer outro capital, convertendo-se em propriedade indisputavel da sociedade collectiva, não possam utilisar senão aos trabalhadores, isto é, ás associações agricolas e industriaes exclusivamente

Ella reconhece que todos os Estados politicos e auctoritarios existindo na actualidade, deverão desapparecer na união universal das associações livres.»

Jaclard, um de seus adeptos, tirou logo conclu-

AS ESQUADRAS PORTUGUEZA E INGLEZA, NA BAHIA DE LAGOS

PORTO DE LOURENÇO MARQUES — ESTALEIRO DOS BLOCOS DESTINADOS Á CONSTRUCÇÃO DO MURO E CAES

(Copia de photographia)

sões d'esta natureza: «queremos destruir tudo... É preciso acabar com a burguezia e suas instituições... É unicamente sobre suas ruinas fumegantes que assentará a republica definitiva. É sobre as ruinas cobertas, não direi de seu sangue— ha muito tempo que lhe não corre nas veias—mas de seus detritos accumulados, que nós desfraldaremos o estandarte da revolução social.»

Eu comprehendo até certo ponto esta linguagem ardente e ousada, mas comprehendo-a definindo-se por manifestações em massa e não por attentados criminosos.

Confesso que admirei Ravachol saudando a anarchia sobre o estrado da guilhotina, mas condemnei o homem deveras perigoso que não duvidou assassinar e roubar o seu semelhante.

De que não é admissivel duvida alguma, considerando a sociedade á luz da philosophia sem partido tomado, é de que vae assumindo imperio cada vez maior no dominio das coisas politicas e na orbita peculiar aos negocios privados de commercio e de industria a ascendencia monetaria.

Tudo tende a resolver-se com intervenção do deus dinheiro e com leviana e pasmosa indifferença pelos direitos alheios.

D'aqui promana o recurso a extremos condemnaveis por parte de filiados destemidos, que pensam talvez saldar dividas antigas e vingar injurias e affrontas com laminas de punhal e com balas homicidas.

Infelizmente, não se distingue então entre o justo e o rasoavel e descae-se no ultra de todos os excessos.

«Ser ultra, affirmou Victor Hugo nos *Miseraveis*, é ir além. É atacar o sceptro em nome do throno, e a mitra em nome do altar; é maltratar o objecto que se arrasta; é escoucear as parelhas; é criticar a fogueira sobre o grau de cosedura dos herejes; é exprobar ao idolo a sua pouca idolatria; é insultar por excesso de respeito; é não achar no papa bastante papismo, no rei bastante realeza, e na noite bastante escuridão; é estar descontente com o alabastro, com a neve, com o cysne, e com o liz, em nome da alvura; é tomar o partido das coisas a ponto de ser seu inimigo; é ser tão forte pró como se é contra.»

E a isto chegam os descontentes ignorantes, movidos depois a talante de agitadores funestos e de demagogos sem patria.

Todavia, cumpre não confundir os da palavra eloquente e arrebatadora, os que pintam quadros empolgantes que fascinam e deslumbram e os ouvintes, aulicos espectadores de nova especie que, de entontecidos na doutrina appellam para o facto.

Até aqui é patente o delirio do inepto e a indole perversa do malvado, os quaes em seu papel de executores pagam com a vida e com a liberdade emprezas em que os metteram outros melhor entrincheirados por philaucia astuciosa.

Depositarios do poder e assassinos, é assumpto de complexidade assombrosa, originando questões secundarias e problemas de gravidade instante e que demanda esforço de faculdades intellectuaes, vantagens de posição eminente e sciencia experimental em tirocinio larguissimo.

Não me atrevo sequer á pretenção de tocar a materia, quanto mais de exgotal-a: seria pedantismo insuportavel.

Entretanto, devo dizer: não applaudo o crime de que fôram victimas chefes de Estado e de governo, mas encontro nos systemas politicos, no adormecimento de deveres civicos, no proteccionismo descabido, elementos inflammaveis de discordias intestinas, de conflictos internacionaes, de guerras prolongadas e de attentados singulares.

Corrigir defeitos, cohibir abusos, ser modelo e espelho de porte correcto; eis o que falta nas altas camadas sociaes e o que não abunda tambem na escala inferior.

Por este motivo invertem-se papeis; sacodem-se responsabilidades, illudem-se e sophismam-se leis, inventam-se meios de matar e lamentam-se intempestivamente as existencias que baquêam e em que se teve cumplicidade indirecta por falta de integridade moral.

PORTO DE LOURENÇO MARQUES — COOPERATIVA DAS OBRAS DO PORTO — O REFEITORIO, COSINHAS, E CASAS DE HABITAÇÃO PARA OS OPERARIOS E SECRETARIA

(Copia de photographia)

«Fundou Jesus, escreveu Renan, a religião na humanidade, como Socrates a philosophia, como Aristoteles a sciencia.»

E uma religião é necessaria e indispensavel á creatura humana, *bête de proie* quando entregue a si propria e isolada em seu egoismo feroz.

«De este vicio, de se homem amar mui desordenadamente a si mesmo, lê-se no livro 3.º da *Imitação de Christo*, pende quasi tudo o que se deve radicalmente de vencer; vencido e subjugado aquelle mal, haverá logo grande paz, e tranquillidade.»

Ha n'estas linhas alcance profundissimo de idéa, alteza incontestavel de conselho, remedio authentico de cura e suggestiva simplicidade de fórma; é que aquelle que as traçou conhecia o mundo e o homem, não ignorava que as injustiças magoam e damnificam e soube abafar gritos que poderiam exprimir desejos de vingança, consubstanciando em paginas cheias de humildade lições de sentimento e impulsos de amor.

O equilibrio de governo, a prudencia da força e a austeridade inflexivel, são o unico alicerce inabalavel de instituições, o mais proveitoso guia e a melhor escola de Estadistas e a arma optima de defeza contra assassinos.

Setembro, 21 de 1901.

D. Francisco de Noronha.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 818)

1896-1897

Obras no theatro de S. Carlos: como começam geralmente fóra de tempo, e se prolongam aborrecidamente as obras em edificios do estado — Envidraçamento da arcada. — Alpendre de ferro e vidro — A esthetica é prejudicada e o conforto é augmentado — Companhia lyrica — Differença entre os elenchos officiaes da empreza e a realidade — Reportorio desta epocha — Operas novas — *Pagliacci*, de Leoncavallo *La Bohême*, de Puccini, *Asrael* de Franchetti; grande exito das duas primeiras — Como artistas longe de serem de *primo cartello* podem mui bem desempenhar algumas operas — Artistas mais notaveis da companhia — Marconi — Darclée — Ferrani — Recitas extraordinarias — Grande concorrencia de assignantes ás recitas extraordinarias — Grandes lucros da empreza nesta epocha — Episodios comicos — Cantores annunciados que não chegaram a apparecer — Cantores que não chegaram a debutar — Cantores que fugiram — Cantores que pagam aos emprezarios — Cantores que appareceram em scena sem figurarem no elencho official — A vaidade dos artistas — O celebre tenor Marconi umas veses sublime outras veses mediocre — Como a epocha de 1896-1897 ficou memoravel pelo eclipse de muitos tenores e magresa de algumas damas — Uma recita extraordinaria de um barytono portuguez — Como durante longo periodo a companhia lyrica só possuia o tenorino Luigi Rosatti; este afinal adoece. — Interrupção das recitas de assignatura — Anarchia no andamento dos espectaculos — Espectaculos de retalhos — Tribulações dos ultimos momentos da empreza lyrica de Freitas Brito & C.ia — Fiasco de um baile para o *Demi-monde* no salão de S. Carlos.

Antes de se inaugurar a epocha lyrica de 1896-1897, houve algumas obras no theatro de S. Carlos, feitas pelo governo, que, conforme tem sido usual em obras do estado, começam sempre fóra de tempo, e prolongam-se demasiadamente, de modo que ainda não estavam concluidas, quando começaram os espectaculos, em 24 de dezembro de 1896.

As principaes obras então realizadas foram no salão de cima, sendo substituido parte do madeiramento do telhado. Foram collocados cinco portões de ferro com vidros na arcada da fachada, que assim ficou toda envidraçada, e adoptado um alpendre de ferro e vidro na frente da arcada para o largo de S. Carlos, cousa de pessimo gosto, e que destoa completamente em um frontispicio de cantaria; este attentado contra a esthetica, teve, em compensação, a vantagem de tornar um pouco mais confortavel, ou menos aspero, o salão de entrada. Fizeram-se pinturas nos corredores, e foi illuminada interiormente a arcada com 6 lampadas electricas de incandescencia.

A companhia, para esta temporada lyrica, do ultimo anno da empreza Brito & C.ia, veiu de Genova no vapor *Oldenburg;* tendo partido d'ali no dia 17 de dezembro, chegou a Lisboa a 22 do mesmo mez.

Eis o elencho da companhia; comprehende os artistas que representaram; porque o annunciado pela empreza continha nomes de artistas que não chegaram a debutar na scena de S. Carlos, e omittia os de outros que posteriormente foram escripturados.

Damas: Hariclée Darclée, Dina Barberini, Concetta Bordalba, Cesira Ferrani, Ida Rappini (meio soprano), Cloé Marchesini (meio soprano), Beatrice Vehon Halvorsen, Maria Vendrelli, Elena Fons, Elena Marenzil (meio soprano), Gerarda (segunda dama).

Tenores: Francesco Marconi, Luigi Rosatti, Emmanuele Suañez, Evandro Cannonieri (comprimario) Carlo Ragni (comprimario), Sigaldi, Federico Corrado.

Barytonos: Antonio Magini-Colleti; Ottorino Beltrami, Hernandez, D. Manuel de Noronha.

Baixos: Giuseppe de Grazia, Rocco Franzini (comprimario), Ferdinando Fabro.

Maestros: Rodoffo Ferrari, Giusto Giusti (dos coros).

Choreographo, Giuseppe Conti.

Primeira bailarina: Amalia Monroe.

Eis o reportorio da epocha de 1896-1897.

Gioconda, de Ponchielli, em 24 de dezembro de 1896, por Dina Barberini, Ida Rappini, Cloé Marchesini, Luigi Rosatti, (e depois Sigaldi), Ottorino Beltrami, Giuseppe de Grazia, Rocco Franzini, Cannonieri, Boscarini, Ghi Jotti.

Aida, de Verdi, em 27 de dezembro, por Concetta Bordalba, Cloé Marchesini, Emmanuele Suañez, Antonio Magini-Colleti, Giuseppe de Grazia, Ferdinando Fabro, Evandro Cannonieri.

Mefistofele, de Boito, em 31 de dezembro, por Cesira Ferrani, (e depois Elena Fons), Marchesini, Rosatti, Grazia, Ragni.

Lohengrin, de Wagner, em recita extraordinaria, debute de Marconi, em 8 de janeiro de 1897, por Ferrani, Rappini, Francesco Marconi, Magini-Colleti, de Grazia e Fabro.

Rigoletto, de Verdi, em 10 de janeiro de 1897, por Beatrice Vehon Halvorsen, (e depois Vendrelli), Marchesini, Marenzi, Colonna, Marconi, Magini Colleti, Fabro, Franzini, Cannonieri, Ghidotti, Boscarini.

Cavalleria rusticana, de Mascagni, em 13 de janeiro, por Barberini, (e depois Fons), Marchesini, Marenzi, Suañez, (e depois Sigaldi), Hernandez.

Pagliacci, de Leoncavallo, em recita extraordinaria, em 13 de janeiro, por Ferrani, (e depois Fons,) Rosatti, Beltrami, Ragni, Hernandez, Boscarini, Cannonieri.

La Favorita, de Donizetti, em 15 de janeiro, em que cantaram Rappini, Marenzi, Marconi, Magini-Colleti, Grazia, Ragni.

Carmen, de Bizet, em 24 de janeiro, em que figuraram Rappini, Vendrelli, Gerarda, Marenzi, Suañez, (e depois Rosatti,) Hernandez, (e depois Magini-Colleti,) Fabro, Ragni, Franzini.

La Bohème, de Puccini, em recita extraordinaria, em 11 de fevereiro, por Ferrani, Marchesini, Rozatti, Magini-Colleti, Hernandez, Grazia, Ragni, Boscarini, Corrucini.

Manon, de Massenet, em recita extraordinaria, em 22 de fevereiro, debute de Hariclée Darclée, por Darclée, Vendrelli, Marenzi, Gerarda, Colonna, Federigo Corrado, Magini Colleti, Hernandez, Fabro, Corrusini, Boscarini, Cannonieri, Ghidotti.

Fausto, de Gounod, em 27 de fevereiro, por Darclée, Marchesini, Marenzi, Rosatti, Beltrami, Grazia, Franzini.

Asrael, de Franchetti, em recita extraordinaria, em 22 de março, por Barberini, Rappini, Marchesini, Sigaldi, Grazia, Franzini, Boscarini.

Figuram n'este reportorio tres operas, que foi então que pela primeira vez subiram á scena no theatro de S. Carlos; *Pagliacci*, *La Bohème*, e *Asrael;* esta não agradou; a primeira, porem, agradou muito, e a *Bohème* despertou grande enthusiasmo; foi executada primorosamente por todos os artistas. A Ferrani, que muito brilhou no *Mefistofele*, e nas duas operas novas, *Pagliacci* e *Bohème*, era uma cantora, cujo orgão vocal não era muito possante, nem a voz era muito bella, mas que possuia grande talento, cantava com muita correcção e expressão, e era artista distincta. A opera *Pagliacci* já tinha sido anteriormente representada no theatro de D. Amelia; mas, mal executada, não havia então agradado. No theatro de S. Carlos, porem, foi muito bem cantada, em geral, e agradou muito; o prologo, pelo barytono Beltrami, foi muitas noites bisado. Na opera *La Bohème*, foram, em muitas noites, bisados o final do 2.º acto e o do 3.º

A epocha lyrica, 1896-1897, foi fertil em episodios mais ou menos comicos.

Em 8 de janeiro de 1897, devia debutar na opera *Lohengrin*, de Wagner, a dama Florence Monteith; era uma recita extraordinaria para debute do tenor Marconi. Era aquella cantora uma dama de origem ingleza, bella e rica, que se alojára no hotel *Avenida Palace*. Diziam alguns que ella é que pagava aos emprezarios, em logar de serem estes a abonar os fundos á tal prima-donna; e egual contrato asseveravam existir com a emprezo do theatro de S. Carlos. Tambem corria fama de que os seus dotes artisticos eram tão debeis, que não chegaria ao fim da recita do seu debute.

N'este ponto a realidade foi ainda alem da prophecia, pois não chegou ao principio!

Asseveravam que as manifestações que dera, no ensaio geral, foram taes, que o emprezario receiou um escandalo de troça; de mais a mais em uma recita extraordinaria de Marconi, para a qual tinham sido elevados os preços! Fosse qual fosse o motivo, a empreza deu a dita dama por atacada de doença repentina, e fel-a substituir pela Ferrani, pondo a ultima hora sobre os cartazes um aviso d'essa substituição.

Posteriormente, porém, a dama Florence Monteith cantou no salão da Trindade, em um concerto da *Academia real de amadores*, e foi muito applaudida!

Apesar das esperanças que este successo lhe despertou, não conseguiu esta dama cantar na scena de S. Carlos, e descorçoando por fim, retirou-se de Lisboa, publicando, no jornal a *Tarde* de 12 de março de 1897, e em outros jornaes, uma carta, em que dizia que abandonava esta capital, porque o emprezario lhe não arranjára tenor para cantar nas operas *Fausto* e *Lohengrin!*

Em 10 de janeiro de 1897, debutou na opera *Rigoletto*, de Verdi, a dama Beatrice Vehon Halvorsen. Segundo se dizia, esta prima donna era tambem das que pagam aos emprezarios. Era muito desastrada; parecia que nunca havia pisado palco algum; não sabia bem a sua parte, e era mui pouco segura na affinação. O publico fartou-se de rir e de troçar a debutante. No fim da aria do 3.º acto houve grande e prolongada pateada, á cantora e á empreza; trovoada que ameaçava durar em demasia, e que o director de scena, Eugenio Salarich, fez cessar, intimando a que continuasse a tocar a orchestra, que o maestro Ferrari fizera calar mais de uma vez, durante a pateada, o que era convidar esta a continuar. Foi rescindida a escriptura da dama Halvorsen.

O tenor Francesco Marconi, já conhecido e apreciado pelo publico de Lisboa, teve grande successo no *Rigoletto*, opera em que era verdadeiramente superior em todo o sentido. O publico applaudiu-o com grande enthusiasmo; fazendo-o repetir seis vezes a romanza *La donna é mobile* do 4.º acto, que elle cantou, de cada vez, em estylo diverso, e sempre com alma, correcção, graça e distincção.

No *Lohengrin*, porem, Marconi foi muito inferior ao que devia ser, com os recursos vocaes extraordinarios que possuia, e na *Favorita* foi então verdadeiramente mediocre, ficando abaixo de muitos outros tenores de menos fama e valor. O publico n'esta occasião foi justo; não o applaudiu. O celebre tenor, vaidoso, como o são geralmente quasi todos os artistas, ficou despeitado, e na recita immediata em que cantou, que foi na opera *Rigoletto*, em 21 de janeiro de 1897, não quiz bisar a romanza do 4.º acto, apesar do publico o reclamar com insistencia. Então muitos espectadores romperam em estrondosa pateada, que não deixava progredir o espectaculo. Por fim, Marconi, a instancias d'aquelles, que, nos bastidores, o aconselhavam, resolveu-se a repetir uma vez *la donna é mobile;* fêl-o, porem, com muito mau modo, incorrecção e sensaboria.

Em vista de tal procedimento o publico não lhe prodigalisou uma unica palma.

Então Marconi, enraivecido, rescindiu a escriptura, e partiu no dia immediato, para o extrangeiro, tendo apenas cantado em 4 recitas.

Em 24 de janeiro de 1897, tendo sido muito pateado, na opera *Carmen*, o tenor Suañez, rescindiu a escriptura e abandonou o theatro de S. Carlos, ausentando-se de Lisboa.

Em 22 de fevereiro d'este mesmo anno debutou, na opera *Manon*, de Massenet, o novo tenor Federigo Corrado, o qual foi alvo de uma troça medonha que lhe fez o publico de S. Carlos, que, com frequencia, é terrivel para os debutantes com quem não engraça, não tendo consideração alguma com os receios, e o nervoso, que habitualmente assaltam um novel cantor. Na recita immediata, a principio foi novamente recebido com troça e pateada, mas no 2.º acto, foi muito applaudido no *racconto*, que bisou a pedido do publico. Comtudo este tenor não cantou em nenhuma outra opera.

Em 23 de fevereiro de 1897, em recita extraordinaria, realizou-se a estreia, e recita unica, do barytono portuguez, D. Manuel de Noronha, o qual cantou a parte de Tonio, na opera *Pagliacci*, de Leoncavallo. Deu-se tambem n'esta noite o 3.º acto da opera *Mefistofele*, de Boito.

Para esta recita vigoraram os preços elevados das recitas de Marconi! O debutante era filho de D. Antonio Maria de Noronha, antigo commissario de policia, muito relacionado com a velha aristocracia; tinha 29 annos, não era pois uma creança.

Corriam boatos, de grande escandalo, affirmando que o cantor portuguez não conseguiria chegar ao fim da recita, pois haveria um fiasco medonho, uma queda desastrosa, horrivel, que ficaria memoravel, etc.

Os prophetas, porém, erraram. O joven barytono portuguez manifestou, com effeito, bastante incorrecção no canto, e pouca disposição para scena, servido por um orgão vocal de pouco valor, cançando extraordinariamente, logo no prologo da opera. O publico, comtudo, foi benevolo, e prodigalisou-lhe alguns applausos, para o não desanimar, acompanhados, porém, de alguns signaes de desapprovação.

O debutante, agastado com as apreciações do publico e de alguns jornaes, depois de ter recebido a sua paga, que, segundo se disse, ter sido o estipulado com a empreza, foi metade da receita, publicou no *Diario Popular*, de 26 de janeiro de 1897, e em outros jornaes, uma carta em resposta a alguns criticos da sua personalidade artistica.

Em 1 de março de 1897, segunda feira-gorda, houve, no salão nobre, um baile particular, especialmente destinado ao *demi-monde*, não se fazendo annuncios para essa festa. Cada cavalheiro pagava 5$000 réis, e podia levar até 4 damas gratuitamente. Esteve muito sensaborona tal festa.

Em 2 de março, terça feira de carnaval, houve recita extraordinaria. Deu-se a opera *Pagliacci*, de Leoncavallo, e um *divertissement*, de Conti, em que entrava a primeira bailarina Amalia Monroc. Depois houve baile de mascaras. A ornamentação da sala foi feita sob a direcção de Raphael Bordallo Pinheiro. No fundo do palco via-se uma grande barriga transparente, e outras menores, e nos lados tambem se viam diversas barrigas; era uma allusão satyrica ao *Solar dos barrigas*, alcunha da camara dos deputados recentemente dissolvida.

Em 10 de março de 1897, em recita extraordinaria, festa artistica de Cesira Ferrani, deu-se a opera *La Bohème*, de Puccini.

Na festa artistica da dama Ferrani devia dar-se a opera *Otello*, de Verdi; mas, na vespera á noite, fugiu o tenor Franco Cardinali, que a devia cantar, mandando para o *Diario de Noticias* uma carta, dizendo que desistia da sua escriptura, porque a dama Ferrani se retirava de Lisboa em breves dias! Parece que era por medo que tinha de fazer fiasco n'aquella opera na scena de S. Carlos, como já o havia feito em novembro de 1886, na opera *Re di Lahore*, no mesmo palco!

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE I

A meteorologia do globo terrestre

CAPITULO IV

Hygrometria e Pluviometria

Da evaporação das aguas, provém a humidade atmospherica.

Para medir a evaporação, utilisamo-nos do *evaporimetro*

Compõe-se de um vaso cylindrico de metal, communicando inferiormente com um tubo de vidro vertical munido de um ponteiro que indica o nivel da agua no começo do dia. Observando a differença, no fim de 24 horas, conhece-se a quantidade de agua evaporada.

Em Lisboa, é esta medida ás 9 horas da manhã. Eis a evaporação media:

Inverno	246mm,68
Primaveira	492mm,18
Estio	906mm,37
Outomno	475mm,10
Annual	2120mm,39

Quando a atmosphera está saturada de agua, cessa a evaporação, e o resfriamento que se lhe segue, dá origem á precipitação ou condensação do vapor sob fórma de orvalho, nevoeiro, nuvens, chuva ou neve.

Estado hygrometrico do ar ou fracção de saturação, é a relação entre a quantidade do vapor de agua no ar, e a que este conteria se, á mesma temperatura, estivesse saturado.

O ar contem mais agua no verão que no inverno, embora pareça mais secco.

Para medir a humidade servimo-nos dos *hygrometros*.

E' muito conhecido o boneco de cartão ou madeira representando um frade capuchinho, cuja cabeça está tapada por um capuz quando a humidade augmenta, e se descobre quando o ar está secco. O motor d'este instrumento, é uma corda de tripa torcida e presa por uma das extremidades á parte posterior da figura, e pela outra a uma pequena alavanca que move o capuz. E' esta corda que com a humidade se alonga, e com o tempo secco se incurta.

São estes apparelhos muito falliveis.

O *hygrometro de Saussure*, ou de cabello, satisfaz mais, visto que o cabello é uma substancia avida de humidade, sobretudo se fôr fino e pouco oleoso.

Fig. 11

Consta de um quadro metallico em cuja parte superior se prende um cabello desgordurado, prendendo-se na parte inferior a uma pequena roldana, cujo eixo tem uma agulha com um ponteiro que gira sobre um quadrante graduado de o a 100, indicando o zero, a ausencia de humidade, e 100, o maximo de saturação. Augmentando a humidade, o cabello alonga-se e desvia a agulha n'um sentido; se esta diminuir, succede o contrario.

A roldana tem um gorve onde passa um fio de seda com um peso para manter o cabello sempre tenso.

Para preparar o cabello, basta mergulhal-o em ether, durante 24 horas.

Eis a relação entre os graus do hygrometro e a humidade:

22°....	1 decimo	79°....	6 decimos
30°....	2 »	85°....	7 »
53°....	3 »	90°....	8 »
54°....	4 »	95°....	9 »
72°....	5 »	100°....	10 »

Um thermometro é fixo ao apparelho.

Outro apparelho, um pouco mais preciso do que o hygrometro de Saussure, é o *psychrometro*. Consta de 2 thermometros parallelos presos a uma placa metallica, estando um exposto á temperatura do ambiente, e o segundo constantemente humido, mergulhado o seu reservatorio n'uma torcida de algodão embebida n'agua. Da comparação da temperatura dos dois thermometros se deduz a humidade do ar.

Recentemente, Lambrecht imaginou uns apparelhos para obstar aos inconvenientes que existem nos que são actualmente empregados:

1.º Polymetro. Na hygrometria, é necessario, muitas vezes, determinar-se não só a percentagem da humidade, como a tensão do vapor á temperatura do ambiente e o peso do vapor dissolvido em um metro cubico. O hygrometro mais perfeito só nos indica empyricamente o grau de humidade, mas a tensão do cabello não é proporcional á humidade.

O *polymetro* é um hygrometro vulgar, no qual o thermometro junto ao apparelho nos indica egualmente, ao lado das temperaturas, a tensão do vapor em millimetros. Assim, se a temperatura fôr de 16° e o hygrometro marcar 64°, qual a temperatura da producção do orvalho em taes condições? Ao lado da temperatura 16°, lêmos: tensão do vapor 13mm,5. Multiplicamos este numero por 64/100 graus hygrometricos, e achamos 8,6, tensão do vapor se o ar estivesse saturado, á qual corresponde a temperatura de 9°, temperatura de producção do orvalho, segundo os dados do problema.

2.º O thermo-hygroscopio. Este apparelho, combinação de thermometro com hygrometro, ja nos indica esse calculo effectuado. Um feixe de cabellos liga-se á espiral metallica do thermometro. Se a temperatura descer ou estacionar, o feixe de cabellos, por influencia, faz com que a agulha do hygrometro suba, mas se o hygrometro soffre uma influencia maior de vapor d'agua, a agulha tenderá a subir, embora a temperatura baixe. A resultante d'estas forças exprime uma differença que nos indica o valor da temperatura que pretendemos achar. Se esta se approximar da temperatura do ambiente, é provavel a chuva, o que nos permitte estabececer prognosticos ácerca do tempo provavel. Este instrumento torna-se, sobretudo em occasiões de trovoadas no verão, superior ao barometro.

3.º Telegrapho do tempo. Combinando o *thermo-hygrocopio* com o *barometro*, Lambrecht imaginou o telegrapho do tempo. A agulha do barometro do instrumento gira em sentido contrario á dos barometros normaes, isto é, desce na occasião de bom tempo, e sobe em caso contrario. A oscillação d'esta agulha e a do *thermo-hygroscopio*, dão-nos, attendendo ás instrucções impressas n'um quadro existente no apparelho, a previsão local do tempo. Os dois instrumentos juntos corrigem-se mutuamente, sendo quasi infalliveis.

A humidade no ar é constante, porque a agua evapora-se constantemente, mesmo em estado de gelo; esta, no emtanto, é maxima á superficie dos mares, variando nos continentes, consoante os logares, dependendo este facto da temperatura, chuvas, ventos ou estado do céu. A evaporação é tanto menor quanto mais nos approximamos dos logares frios.

O ar saturado é incapaz de maior humidade; a evaporação é tanto maior quanto mais o ar está secco, e renovado pelo vento.

O acto da evaporação contribue para o resfriamento. Um panno molhado exposto ao vento, está mais frio do que um objecto secco, por isso é costume, durante o verão, para se ter a agua fresca, envolver a bilha que a contem, n'um panno molhado.

A humidade do ar augmenta com a altitude até certa altura (zona maxima de humidade), a partir da qual, novamente decresce.

(Continúa) *Antonio A. O. Machado.*

UM SEGREDO DE MULHER

POR

Eugene Berthoud

VII

Mas era altiva a alma de Raul e um dia veio em que, sacudindo o torpor, atirou fóra com o papel aviltante que desempenhava.

Foi umas seis semanas depois da apresentação no cenaculo. Por um excepcional acaso, tendo-se retirado a ultima visita, acharam-se os dois sósinhos.

Nem um nem outro prevêra tal circumstancia.

Madame de Logel, silenciosa e menos socegada do que parecia, inclinou a cabeça sobre o bordado. Guérac, esse estremeceu desde a ponta dos pés até á ponta dos cabellos. — Vai-te embóra, gritou-lhe a sã razão. Mas, como ainda faltavam dez minutos para a hora convencionada, deixou-se ficar.

Decidido a fugir para sempre, saboreou aquelles minutos supremos em que o extasis se unia á tortura. Irradiavam-lhe as pupillas milhares de pensamentos; mas não se atrevia a articular uma syllaba, a fazer um gesto, porque a syllaba fôra uma prece ardente, o gesto cahir de joelhos.

Voaram os dez minutos.

Quando a campainha do relogio deu quatro horas, Aurelia, julgando a sessão terminada, deu um suspiro de alivio e enrolou o bordado.

Raul não se mexeu.

Pasmada, franziu o sobr'olho, poz as luvas com vagar prepositado, mexeu no lume, respirou os saes, folheou um album...

Inuteis avisos! O hospede indiscreto parecia incrustado na cadeira.

— Será por pimponice? pensou comsigo a linda viuva.

Examinou curiosamente o parceiro.

Ora este era branco como uma mortalha e as surdas pulsações de seu coração respondiam ao tic-taque do pendulo.

Aurelia socegou. O esmalte de seus dentes relampejou atravez d'um rapido sorriso.

— São quatro horas, sr., disse.

Raul estremeceu, pareceu acordar d'um sonho e, por sua vez levantando-se:

— Minha sr.ª, disse n'um tom de brincadeira que desmentia a commoção da voz, li n'um in-folio velho que os antigos concediam uma corôa d'oiro ao mensageiro d'uma victoria; não me concederá pois uns segundos, visto que lhe trago uma feliz novidade?

— Outra communicação? disse Aurelia ironicamente. Olhe que me assusta, sr!

— Sim, disse Guérac com tristeza, tem com effeito de se assustar comigo. Pelo terror pesei sobre dois mezes da sua existencia e, se lhe viesse

O REAL THEATRO DE S. CARLOS

CESIRA FERRANI

agora falar da minha lealdade, se lhe dissesse que ameaçando-a menti, se lhe affirmasse pela minha honra que se me houvesse posto fóra como a um lacaio a ninguem haveria revelado o seu segredo, decerto não me acreditava!

— Talvez, murmurou ella.

Esta palavra fulminou Raul. Por um impulso, que a vontade não poude dominar, pegou-lhe na mão e beijou-lh'a.

— Obrigado, minha sr.ª obrigado! exclamou.

E logo se ficou, pasmado de tamanho atrevimento.

Mais o espantou ver que madame de Logel não manifestava desdens nem colera. Contentou-se em dizer, sorrindo:

— Que faz, sr.?

— Deixa-me entrever o meu perdão e quero mostrar-lhe o meu reconhecimento.

— Essa maneira de exprimil-o parece-me que não figurava no programma.

— A partir d'esta data, balbuciou Guérac, já não tenho programma.

— Porquê?

— Porque hoje hei de chegar ao Havre, ámanhã estarei n'um paquete e d'aqui a quinze dias do outro lado do mar.

— Ah! disse Aurelia.

Caso extranho! Foi-se-lhe o sorriso. Pegou n'um ramo de camelias que estava n'um vaso de Saxe e metteu n'elle o rosto para esconder subita vermelhidão.

— É essa a nova feliz que me trazia? perguntou depois d'um silencio.

— Feliz para si.

— Pois já completou as sessenta visitas?

— Não, minha sr.ª, mas abrevio a duração do seu martyrio.

— Então, sr., receba o meu adeus e os meus sinceros parabens.

— Parabens? repetiu Raul.

— De certo, continuou ella, sem reparar que nervosamente ia dando cabo do ramo. Não me disse ha seis semanas que tinha uma chaga no coração? Mais não disse que calculava que dois mezes de visitas seriam bastantes para cural-o? Então, desde que renuncia a mais longo tratamento, é porque já radicalmente se sente curado. Parabens, repito.

— Adeantados m'os quer dar, respondeu Raul que só vira n'estas palavras uma cruel ironia. Foi o remedio peor que a doença. Outro quero procurar mais energico e sobretudo mais efficaz.

— Qual?

— A ausencia, minha sr.ª, a ausencia eterna. Adeus!

E, suffocado pela commoção, cumprimentou e sahiu.

Duas horas depois, quando acabava de fazer seus preparativos para a viagem, trouxeram-lhe uma carta cuja leitura lhe arrancou um grito doido.

Pois a carta só continha quatro palavras:

«Fique. Assim o quero.»

IX

Um mez depois, Raul Guérac, casou com madame de Logel.

Como o viajante, presa da vertigem, se deixa cahir no abysmo, como o passaro fascinado se deixa cahir na goela da serpente, assim elle se lançara no casamento, sem hesitações, o que não quer dizer sem reflexões. Onde a segurança da felicidade? Do passado de Aurelia que concluir do seu futuro?... Morrêra, se ella lhe não pertencesse; e quando ella se lhe entregou disse comsigo que lhe seria inferno a vida.

O inferno só em sua alma o trazia; porque a mulher possuia na verdade as mais solidas qualidades juntas a uma incontestavel elevação de espirito. Era seu unico defeito uma excessiva *coquetterie*; levava ao extremo o cuidar de si, o medo do que se diria, a sede dos elogios; afóra este lindo peccado, não havia coisa que indicasse instinctos perversos, nada sobretudo que desse explicação da sua intimidade com o tal sr. Gibson.

Ora ahi é que Raul sentia o espinho a pungil-o. Embora desde a benção de nupcias nenhuma allusão ao maldito segredo fosse nem de leve tocada, o segredo era sua lembrança constante e vertia-lhe na memoria a incuravel peçonha d'um ciume retrospectivo. Ora radiante, ora digno de lastima, Guérac realisava um phenomeno: adorava o que não estimava. Combinava-se-lhe a paixão com o odio; uma lembrança execranda atravessava por todas suas alegrias; entre as caricias de Aurelia contemplava-a ás vezes com ar feroz, como um Othello, e sem remorsos, tel-a-hia muita vez afogado em seus abraços.

Tal situação só uma catastrophe daria cabo d'ella; foi o que aconteceu.

Uma tarde, a uma esquina do boulevard dos Italianos, Raul esbarrou por acaso com um passeante; ia para pedir-lhe perdão, quando a voz se lhe embargou. Pelo tamanho do corpanzil, pelas grandes suissas, pela cadeia do relogio, pelos anneis, pelos botões, pelos alfinetes d'oiro, reconheceu logo o seu pesadelo.

Era elle! Era o Gibson!

Guérac voltou para casa a tremer e parecendo outro.

Saberia Aurelia da volta do homem? Já se teriam encontrado? Teriam já novas relações? Já o enganaria? Que havia elle de fazer? de temer? Se havia perigo como conjural-o? Se não havia, como sabel-o?

Livido, a estremecer, com o sangue nos olhos, a injuria nos labios, e entretanto sereno e tranquillo na apparencia, espiou a mulher com uma attenção selvagem.

Ella, sorridente como sempre e serena, assustou-se pouco a pouco com a contracção das feições do marido e muito ingenuamente disse-lhe que era melhor ir deitar-se.

Seria innocencia? Seria uma ironia? seria querer disfarçar?

(Continúa).